

# **A PERSPECTIVA COMPARATIVA E A SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE: UM ESTUDO SOBRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS CHINESES E BRASILEIROS**

GT n° 22 – Sociologia da Infância e da Juventude

Marilena Nakano – Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA)  
Marília Pontes Sposito – Universidade de São Paulo - USP

## **Resumo**

Este trabalho procura discutir resultados preliminares de pesquisa quantitativa amostral sobre modos de vida e valores da juventude universitária brasileira e a chinesa, na faixa etária de 17 a 24 anos. Aborda duas dimensões: uma de natureza metodológica que incide sobre o próprio processo de construção dos instrumentos de investigação, as interações e os (des)encontros entre os pesquisadores na condução da investigação; outra, de natureza sócio histórica, que implica nos modos singulares da experiência juvenil em realidades contrastantes, mas, também, o reconhecimento das transversalidades que aproximam esses segmentos na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** juventude, pesquisa comparativa, jovens universitários

## **Introdução**

Nos últimos anos, os estudos sobre juventude têm se ampliado e diversificado não só no Brasil como na América Latina. Os Estados do Conhecimento desenvolvidos nos últimos 10 anos (Sposito et al., 2002; 2009) não só ofereceram um quadro importante da consolidação dos estudos no Brasil, como possibilitaram apontar algumas lacunas. Dentre elas, a ausência de estudos comparativos no interior de um mesmo país e em realidades transnacionais foi recorrente. Buscando avançar no âmbito dos estudos atuais, este artigo retrata um empreendimento coletivo que procurou realizar uma investigação comparativa entre jovens universitários brasileiros e chineses, reconhecendo, ao mesmo tempo, os inúmeros desafios na tentativa de estabelecer diálogos com realidades socioculturais profundamente diversas. Além de reconhecer as especificidades e singularidades históricas, a perspectiva adotada buscou identificar algumas *transversalidades* que caracterizariam a condição juvenil contemporânea, diante dos processos de globalização e do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (Sposito, 2013).

## **Desafios metodológicos**

Altas taxas de desemprego juvenil em inúmeros países do mundo, ações coletivas envolvendo jovens, a exemplo de *Occupy Wall Street*, os *Indignados*, manifestações de rua no Brasil que se espalharam por diversas cidades desde junho de 2013, são fenômenos que exigem a realização de estudos comparados porque, de um lado, eles envolvem um sujeito em particular, o jovem; de outro, eles parecem ter algo em comum, independente de onde acontecem; finalmente, em cada país os fenômenos assumem configurações próprias e é preciso enfrentar o desafio de comparar a questão do outro, reconhecendo o outro e a si mesmo através do outro (Franco, 2000).

No Brasil, é comum dizer que do outro lado do mundo está a China. Não se trata de mera alusão à distância, mas também de sublinhar as enormes diferenças culturais, sociais, políticas e econômicas que há entre essas duas sociedades. Mas, ao mesmo tempo, hoje nos aproximamos ao ponto de fazermos parte de uma mesma sigla: BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Enfim, semelhanças e diferenças, nos incitam a nos conhecermos.

Assim, este artigo apresenta alguns resultados de estudo amostral sobre jovens universitários brasileiros e chineses, cujo questionário foi aplicado no ano de 2012. Mas, antecedeu a isso um longo processo de aproximação entre os dois países, iniciado em 2004. Todo o trabalho foi coordenado, no Brasil, pelo IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas e pela SBS – Sociedade Brasileira de Sociologia, e na China pelo CYCRC – *China Youth and Children Research Center* e pela CYCRA – *China Youth and Children Research Association*.

O questionário foi elaborado na língua materna de cada país, contendo 66 questões organizadas em blocos de conteúdo e com questões fechadas (múltipla escolha, única escolha), abertas e de escalanumérica. Foi aplicado, concomitantemente, em duas regiões metropolitanas de cada um dos países, envolvendo Pequim, Xangai, Brasília e São Paulo – respectivamente, capitais e maiores polos industriais nos dois países (IPEA, 2012).

No caso brasileiro, dada a diversidade que caracteriza o sistema educacional universitário, foram escolhidas diferentes instituições, em cada região, sendo duas públicas de renomado prestígio, duas fundacionais/comunitárias com característica similares e duas privadas.

Compõe a amostra brasileira 2.429 estudantes, sendo 1.389 mulheres, 1.037 homens e 3 nulos. Na China, foram 1.720 estudantes, sendo 649 homens e 1071 mulheres.

No entanto, os aspectos qualitativos da investigação de modo permanente estiveram presentes, pois se tratou, em todos os momentos, do encontro de pesquisadores originados de culturas diferentes. Alguns desencontros na tradução, mesmo tendo sido evitada a adoção da língua inglesa como intermediária comum, sempre ocorreram, pois como a língua italiana já aponta "*Traduttore e Traditore*" (em português, "*Tradutor e traidor*") são muito próximos e todo tradutor estabelece uma espécie de traição do texto original para conseguir reescrevê-lo na língua desejada. O encontro com o outro produz, também, a exigência e certa capacidade de tomar distância de nós mesmos e de nossa cultura. A confirmação do uso reiterado, aparentemente corriqueiro dos termos coloquiais que adotamos exigiu que tivéssemos um cuidado dobrado com as respostas que poderiam ser consideradas válidas. Por exemplo, a expressão “visual” dos jovens, foi entendida como “visão dos jovens”. O recurso às metáforas, tão comum na cultura latino-americana, provocou alguns desencontros que puderam ser superados: quando perguntamos se os jovens encontram espaços para participar, nossos pares imaginaram que estávamos falando literalmente de praças e ruas, quando queríamos tratar das possibilidades e canais para a participação. Por outro lado questões que fazem sentido para uma cultura, necessariamente não o são para outras; se estamos hoje interessados na disseminação de novas religiosidades no interior do cristianismo, sobretudo dos novos grupos pentecostais, para a cultura chinesa, a questão religiosa se configura apenas a partir dos grandes ramos como cristianismo, judaísmo, budismo e islamismo. Do mesmo modo, temas que hoje constituem o debate público no Brasil, sobretudo se tratarmos dos jovens como a questão da orientação sexual ou as relações raciais, ainda não alcançam a mesma repercussão em outras sociedades ou não constituem questões que afetam suas relações sociais e, por essas razões, não foram tratadas. Por essas razões, os diálogos iniciais, a construção do instrumento de pesquisa e a análise dos resultados têm exigido uma relação constante com o outro e com nós mesmos, muitas vezes marcados por nosso etnocentrismo.

Nesse texto somente alguns aspectos investigados serão apresentados ainda de modo preliminar. Seleccionamos as questões que incidiram sobre a moradia e a família, sociabilidades e valores.

## **Habitar e seus sentidos: família e jovens universitários brasileiros e chineses**

A questão da moradia para jovens tem sido pouco debatida nos meios acadêmicos e poucos são os países no mundo que possuem políticas públicas específicas para este fim. O mesmo não acontece com as temáticas trabalho e educação, amplamente estudadas, mas com resultados desiguais sob o ponto de vista das ações públicas tendo em vista a inserção de jovens no mercado de trabalho. Mas, tão importante quanto o trabalho e a escolarização, para os processos de produção do indivíduo, é a moradia. Esta se constitui num dos “suportes” importantes para os jovens nos seus processos de conquista de autonomia, independência, enfim da própria identidade, uma vez que “não há indivíduo sem um conjunto muito importante de suportes” (Martuccelli, 2012, s/p.), dentre eles a moradia.

No caso dos jovens universitários brasileiros e chineses, os dados revelam que é a família que, majoritariamente, garante moradia a eles. Quase 90% dos brasileiros e 80% dos chineses moram com suas famílias (gráfico 1). Família aqui entendida nos seus diversos arranjos.

De modo geral, do total de jovens que mora com a família, há uma predominância daqueles que vivem em famílias nucleares, mais presente entre os chineses (64%) do que entre os brasileiros (58%). Portanto, no que tange à moradia dos jovens, é o modelo familiar que domina nos dois países. Mas, há sutis diferenças entre os dois grupos (gráfico 2): há um maior percentual de estudantes que mora apenas com a mãe no Brasil (12,9%), já na China há um maior percentual dos que moram com amigos e colegas (18,1%).

Quando se considera a moradia como algo que vai além de “quatro paredes e um teto”, o seu sentido se alarga na medida em que passa a ser considerada como espaço de intimidade, local de produção de um modo de ser, da própria identidade, bem como de alteridade, na medida em que nesses jovens também tendem a manter relações com outras pessoas, para além dos familiares, especialmente o encontro entre amigos. Além disso, a moradia impacta nos processos juvenis de “tornar-se adulto”, seja para serem móveis, ou ainda como ponto de ancoragem, inclusive na relação com os familiares (Nakano & Six, 2012).

Quando se leva em conta homens e mulheres nos dois países, há um percentual ligeiramente maior de rapazes do que de moças que moram sozinhos ou com colegas: no Brasil, eles representam 12% e elas 9,8%; na China, respectivamente, 24% e 17,7%. Essas diferenças revelam tendências similares nos dois países, mas elas podem revelar desigualdades entre homens e mulheres, mais no Brasil do que na China, considerados os percentuais que aparecem no gráfico 3

Tanto jovens universitários chineses quanto brasileiros estão majoritariamente fixados na casa da família, o que pode ser indicador de limites quanto às suas possibilidades de mobilidade e estafor associada ao reduzido percentual daqueles que participaram de algum programa de intercâmbio e/ou de mobilidade de estudantes (7,1% de chineses e 8,2% de brasileiros, ver gráfico 4).

Esses dados são inversamente proporcionais àqueles relativos aos desejos dos jovens de estudarem no exterior (gráfico 5), mesmo considerando que entre os chineses há um significativo percentual de sujeitos que não desejam sair para estudar fora de seu país (28,3%).

Assim, a questão da moradia dos jovens universitários pode ser reveladora do que, isoladamente, as famílias não são capazes de garantir a eles. Possivelmente, aponta para a necessidade da existência de políticas públicas de moradia para estudantes, como há, por exemplo, nos países nórdicos, permitindo que jovens possam viver outros processos de individuação. Van de Velde (2007) pergunta: « Qui, de la famille ou de l'Etat, est censé prendre en charge les individus majeurs, étudiants ou actifs, mais n'ayant pas achevé leur intégration professionnelle ? »

Analisando os países isoladamente e tomando homens e mulheres, as diferenças não são significativas. Mas, ao comparar Brasil e China (gráfico 6) é significativa a diferença percentual entre os universitários, há um percentual menor de chineses que desejam estudar fora de seu país. Esses dados permitem levantar questões diversas, a serem respondidas em pesquisas futuras, dentre elas: O desejo/não desejo de participar em programas de intercâmbio/mobilidade de estudantes tem alguma

relação com o fato de morarem com a família? Por que, neste caso específico, os rapazes e as moças têm desejos tão similares, fazendo desaparecer as diferenças entre os gêneros?

Portanto, os dados aqui apresentados permitem verificar que, quando se trata de jovens universitários e moradia, tanto no Brasil como na China, eles apresentam semelhanças, seja no que tange à importância da família, seja quanto à situação ligeiramente diferente das mulheres, pois um maior percentual delas mora com a família. Resta saber se esta diferença é reveladora de desigualdade entre homens e mulheres, mesmo que os dois países estudados sejam bastante diferentes em termos culturais e históricos. O outro dado que chama atenção, diz respeito a um percentual bastante menor de universitários chineses do que os brasileiros que desejam participar de programa de intercâmbio/mobilidade de estudantes. Até que ponto este dado é revelador de determinadas formas da relação familiar ou decorre do movimento mais tardio da China na sua abertura para os países do ocidente?

Descobrir, por meio de novas pesquisas, o sentido atribuído pelos sujeitos ao fato de morarem com as famílias constitui um desafio importante. É necessário aprofundar os estudos de forma a verificar se a moradia enquanto suporte garantido pelas famílias é vista pelos jovens como legítima e como, em cada país, se dá individualmente esta experiência. Além disso, outros estudos sobre a subjetividade dos indivíduos precisam ser feitos para que se possa melhor conhecer sobre os desejos de participar/não participar de programas de intercâmbio/mobilidade de estudantes.

### **Amizade: semelhanças e diferenças entre jovens brasileiros e chineses**

No caso da moradia é a instituição família que marca maior presença na vida dos jovens universitários revelando uma mesma forma de tratar da questão nos dois países. Também no caso da amizade há muitas semelhanças entre os dois grupos de jovens. Assim, por exemplo, quando se pergunta a eles “como conheceram seus amigos atuais”, é a escola que aparece como espaço mais importante para o estabelecimento dessas relações. A maioria dos entrevistados conheceu os amigos atuais na universidade e no ensino médio. Cerca de um quarto dos jovens, também no ensino fundamental (gráfico 7). Embora no caso brasileiro se discuta muitas vezes os limites socializadores da instituição escolar, sua inadequação diante das mudanças decorrentes de sua expansão, é preciso reconhecer o quanto este espaço é importante para o desenvolvimento das relações de amizade, entendida esta última não só como sociabilidade mas, também, como experiência de igualdade, portanto, reunindo virtudes ético-políticas (Sposito, 2011).

Mas, os chineses apontam para a importância, dentre outros elementos, para a participação em organizações como meio de conhecer amigos. Observa-se que os índices de associativismo estudantil e participação em partido político dos jovens universitários chineses são significativamente maiores do que os dos brasileiros, conforme pode ser observado a seguir. Também é preciso ressaltar que para rapazes chineses (22%), as organizações das quais participam têm mais importância para fazer amigos do que para as moças (16%) deste mesmo país (gráfico 8).

Inversamente, no Brasil, 15,4% dos jovens fazem amigos na igreja, escolha praticamente inexistente entre os estudantes chineses uma vez que poucos declararam pertencer a alguma religião (14,7%), contrariamente ao caso brasileiro que 75,6% afirmam ter uma religião.

Mesmo com percentuais pouco significativos, os jovens brasileiros também conhecem amigos no interior das relações primárias, família, amizade e vizinhança, mais do que os chineses, mas isso se dá principalmente entre os rapazes que fazem mais amigos em relações não institucionais, vizinhança e outros amigos, do que as moças. Esse dado pode reiterar a importância diferencial da rua e do bairro para rapazes e moças, pois em geral, são tradicionalmente considerados como espaços masculinos. A participação de rapazes brasileiros, percentualmente maior do que as moças, em grupos esportivos parece confirmar essa tendência, pois, como se sabe, no Brasil, muitos desses grupos são informais.

Quanto às diferenças, seria necessário aprofundar o estudo sobre a os processos de individuação e socialização desses jovens nos dois países, tanto primária, quanto secundária, pois elas certamente impactam, por exemplo, nos critérios de escolha dos amigos.

Tanto para os chineses quanto para os brasileiros, a universidade e o ensino médio são os grandes vetores que alimentam a possibilidade de amizades, mas há sutis diferenças entre os dois grupos que podem revelar como cada um dos dois países abre/fecha certos espaços nos processos de individuação. Para os chineses, mais do que para os brasileiros, a universidade e o ensino médio são marcadamente os dois espaços mais importantes onde eles conhecem os amigos. Mas, é preciso ressaltar que a escola é mais importante para as moças chinesas, pois é nela, a partir do ensino fundamental, que fizeram seus amigos atuais, mais do que os rapazes de seu país (gráfico 8). Os jovens brasileiros nas redes de amizade ampliam o número de amigos com maior frequência do que os jovens chineses, tanto rapazes como moças.

Interessa aqui, para aprofundar o conhecimento sobre os processos de socialização secundária, e possíveis espaços de fazer amigos, conhecer sobre as redes de relações e interesses dos jovens a partir de sua participação em grupos dentro e fora da universidade e em associações, entidades e movimentos.

As respostas relativas à participação em grupos dentro e fora da universidade (gráfico 9) revelaram que o percentual de brasileiros que não participa de nenhum grupo (38,7%) é muito maior do que o dos chineses (23,4%). Quanto aos interesses específicos, para os quais havia alternativas, eles recaem mais sobre esporte tanto para brasileiros quanto para chineses. Diferentemente dos chineses, cerca de um quarto dos universitários brasileiros participam de grupos religiosos, enquanto que aqueles mostram pouco envolvimento com grupos desta natureza (5,6%). Interessante notar que jovens chineses se envolvem muito mais do que seus pares brasileiros com grupos de natureza artística: musical (16,4%), artes cênicas (14,9%) e dança (8,8%).

Mas, quando se trata de analisar os dados, considerada a variável sexo, nos deparamos com um quadro que pode ser revelador de diferenças e/ou de desigualdades entre homens e mulheres (gráfico 10).

O percentual de jovens brasileiras que não participa de nenhum grupo (45%) é muito maior do que o dos rapazes, mais ainda das mulheres e homens chineses. Seria esta um dado revelador da condição desigual que vivem as mulheres brasileiras na relação com os homens? Também as brasileiras participam mais de grupos religiosos do que os brasileiros.

Há significativos percentuais de rapazes universitários brasileiros (37%) e chineses (31%) que participam de grupos esportivos, enquanto isso não ocorre no caso das universitárias brasileiras e chinesas, respectivamente 13% e 15% (gráfico 10).

Os dados obtidos sobre a participação dos jovens no campo das expressões artístico-culturais nos incitam a formular certas interrogações: a) Seria a dança considerada pela sociedade dos dois países como algo de mulher? b) Seria a música um campo mais neutro, no qual homens e mulheres se sentem à vontade para participar? E o que explica uma menor participação das jovens universitárias brasileiras em grupos/agrupamentos musicais? c) Por que na China, mais do que no Brasil, configuram-se grupos de rapazes e moças envolvidos com artes cênicas?

Os dados sobre a participação dos jovens em associações, entidades e grupos, além do interesse, permitem também analisar certas opções e envolvimento políticos. Neste caso, os dados revelam certas similitudes e diferenças entre os jovens dos dois países.

Chama atenção no gráfico 11 os percentuais relativos a “nunca participou” nos dois países, com exceção das associações estudantis para os chineses, lembrando que estas últimas envolvem grupos esportivos, de arte etc. Dentre os brasileiros, os maiores percentuais recaem sobre partido político (95%), movimento feminista/liberdade de orientação sexual (94%), sindicato de trabalhadores e associação profissional (93%). Entre os chineses, movimento feminista/liberdade de orientação sexual (87%), sindicato de trabalhadores e associação profissional (86%).

Nas entidades humanitárias e de caridade e nas organizações estudantis, os percentuais daqueles que “já participaram e não participam mais” são significativos, girando em torno de um quarto a um terço dos estudantes nos dois países. Esse mesmo fenômeno aparece entre os chineses, quanto aos grupos de defesa do meio ambiente ou ecológico.

É no item “participa atualmente” que se verificam as maiores diferenças entre os estudantes brasileiros e chineses. Há um maior percentual de participação dos chineses em todos os tipos de entidades, especialmente nas associações estudantis (35%) e no partido político (16%).

Todos esses dados merecem novos estudos para que se possa entender melhor os interesses dos jovens quanto à participação social e política dos dois países, as dinâmicas de funcionamento das entidades e de como estas provocam movimentos de atração e de rejeição, bem como as visões que percorrem cada uma das sociedades, em especial, entre os jovens, sobre o papel dessas organizações nos processos histórico-culturais das duas nações. Um último elemento diz respeito a um campo fértil de investigações voltadas para o exame das diferenças entre as gerações nos dois países nas formas do associativismo.

Vale ainda lembrar que a presente pesquisa, no que tange à questão da participação em associações, entidades e movimentos, quase não apontou diferenças entre homens e mulheres.

Tanto brasileiros quanto chineses escolhem seus amigos levando em conta (gráfico 12), principalmente, a confiança no outro e preferências/gostos similares, mas para aqueles a confiança é o aspecto mais importante (quase 80%), enquanto que para estes são os gostos e preferências similares (quase 69%). Para as mulheres dos dois países, a questão da confiança é ainda mais importante do que para os homens (gráfico 13) e para as mulheres chinesas também ter gostos e preferências parecidas.

Para os dois grupos, também considerada a variável sexo, os aspectos mais importantes na escolha dos amigos são de natureza subjetiva e não de afinidade ideológica (ideais ou ideias), embora esta alternativa apareça com uma frequência significativa. Os motivos de ordem pragmática, como “saber que as pessoas serão capazes de me ajudar na vida”, são importantes para quase um quarto dos estudantes.

Ainda no campo da amizade, quando se trata verificar os dados relativos às atividades que os jovens fazem nas horas livres, por sexo (gráfico 14), de novo é possível captar similaridades e diferenças entre os chineses e brasileiros, e entre homens e mulheres. Há um conjunto de atividades que os jovens podem realizar solitariamente ou em grupo, por exemplo, o uso da internet, jogar videogame, assistir a filmes. Outras, eles o fazem solitariamente, como ler livros. Finalmente, ainda há aquelas que eles realizam necessariamente com outras pessoas, tais como conversar com familiares ou amigos.

Tanto chineses, quanto brasileiros, independente do sexo, afirmam que a atividade com a qual mais se ocupam nas horas livres é a internet. No caso dos homens há também o uso específico relativo ao jogo de videogame ou outros jogos, algo quase que exclusivamente masculino (gráfico 14). Já as jovens universitárias afirmam conversar com pais ou outros familiares (56% das brasileiras e 47% das chinesas mesmo que cerca de um terço dos homens também afirmem fazer esse tipo de atividade nas horas livres. As jovens universitárias brasileiras (21%) também batem papo com irmãos e amigos. Chama atenção, de novo, a presença da família na vida de muitos jovens, agora ocupando espaços das suas horas livres em conversas e bate papos.

A pergunta a ser respondida é se todos esses jovens que realizam atividades na internet e jogam vídeo game, o fazem solitariamente, com parceiros “*online*” ou se ocupam “espaços híbridos”, coletivos, entre a rua e o espaço virtual (Pimentel & Silveira, 2013).

Outros dados relativos ao que fazem os jovens nos fins de semana ou férias revelam características diferentes entre os jovens brasileiros e os chineses, independentemente do sexo (gráfico 15). Universitários brasileiros tendem a viajar e sair para bater papo, enquanto que os chineses tendem a usar a internet, e no caso dos rapazes, a permanecerem casa.

A pesquisa feita não permite afirmar que um seja mais voltado para fora do que o outro, dadas as considerações feitas sobre “espaços híbridos”. Mas, é possível considerar que a forma como os jovens se relacionam nos dois países são, no mínimo, diferentes.

Se as atividades que realizam no final de semana e férias são diversas, quando perguntado aos jovens dos dois países com quem saem, as tendências são bastante similares. Não obstante a existência de percentuais distintos, amigos e pais são os mais citados. Assim, vai se configurando, para chineses e brasileiros, o núcleo das relações dos jovens estudados: família e amigos, mais do que, por exemplo, as relações produzidas no mundo do trabalho (gráfico 16).

Quanto à quantidade de amigos (gráfico 17), cerca de um quarto dos jovens brasileiros, homens e mulheres, tendem a ter de 4 a 5, e quase a metade dos homens (44%) afirmam ter 20 ou mais amigos, enquanto que isso acontece para cerca de um terço das mulheres (31%). Já os chineses, cerca da metade dos homens (54%) e das mulheres (48%) afirmam ter 20 ou mais amigos. Talvez, a internet e o fato de terem uma vida associativa mais dinâmica, para os chineses, possa ter alguma correlação com o fato de terem mais amigos. Mas, independente dos números, ainda aparecem como fortes as relações face a face para a conquista de amizades uma vez que poucos declararam a internet como fonte para conhecer amigos (pouco mais de 6% nos dois países).

Embora o número de amigos constitua uma frequência bastante elevada, resta ainda o desafio de compreensão de quem, de fato, em cada uma das culturas se considera como amigo. No Brasil a distinção entre amigos e colegas sempre apontou para intensidades diversas nas relações com os pares. Talvez para os universitários chineses estas distinções possam oferecer diferentes combinações.

### **Entre eu e o outro: valores, sonhos e medos dos jovens**

Com relação às percepções sobre “a melhor e a pior coisa em ser jovem”, universitários brasileiros e chineses têm visões diferentes (gráficos 18a21).

No Brasil, para mais de 60% dos entrevistados, a melhor coisa em ser jovem é “ter sonhos e objetivos” e a pior, “é não poder se sustentar sozinho”, o que revela uma substantiva aspiração de independência que não se verifica entre os universitários chineses (perto de 1/3 dos entrevistados). O que não lhes agrada se ancora no tempo presente e na experiência cotidiana, associado à “insegurança quanto ao futuro”, enquanto que, paradoxalmente, a melhor coisa se encontra também no futuro, “em um mundo a ser produzido”. A esses jovens também não agrada ter que “trabalhar e estudar ao mesmo tempo”: 40% dos jovens brasileiros investigados estudam à noite, um forte indicativo de que são trabalhadores, enquanto que na China, eles representam apenas 1,5%. Quando perguntado a eles se exerceram alguma atividade remunerada na semana anterior, 52,5% dos jovens brasileiros afirmaram que sim, dentre os chineses, apenas 24,1%. Além disso, eles temem “não conseguir trabalhar na sua profissão”. Assim, para os brasileiros, dentre as piores coisas em ser jovem, tanto no presente e no futuro, estão associadas ao trabalho, sua obrigatoriedade no presente e a incerteza no futuro.

Diferentemente, para quase metade dos jovens chineses entrevistados, a melhor coisa em ser jovem é “ter saúde e disposição” (47,5%) e a pior, é a “insegurança quanto ao futuro”. Interessante notar que eles temem “ser facilmente influenciáveis”, temor que não é fortemente representativo entre os brasileiros.

Ao se analisar as respostas dadas às mesmas questões, considerando-se o recorte sexo, homens e mulheres apresentam tendências diferentes no caso brasileiro. Quanto à melhor coisa em ser jovem, dentre as variáveis apresentadas, “poder estudar” tem importância para 37% das mulheres, enquanto isso acontece para apenas 26% dos homens. Na sociedade chinesa, homens e mulheres, com relação às variáveis analisadas, apresentam tendências similares.

Quanto a pior coisa em ser jovem, considerados os sexos, as tendências evidenciam pequenas variações. As mulheres, tanto brasileiras quanto chinesas, demonstram mais insegurança quanto ao

futuro. As mulheres brasileiras têm mais medo do que os rapazes de não conseguirem trabalhar na sua profissão. Tudo indica que, subjetivamente, as mulheres são mais atingidas pelas incertezas e discriminações que o mundo lhes impõe, o que se aproxima da realidade vivida visto que jovens, mulheres são os mais atingidos pelo desemprego no Brasil.

Quanto a valores (gráfico 22 a 25), os jovens brasileiros investigados consideram para si mesmos que os mais importantes são “a ética e a honestidade” (50,8%), “a família” (46,9%) e a “solidariedade” (36%). Mas, a visão se inverte quando a eles é demandado responder sobre os valores da juventude (os outros jovens), passando a predominar “a competitividade” (62%) e “a liberdade” (59,5%). Poder-se-ia dizer que jovens investigados possuem uma visão generosa sobre si mesmos e são mais críticos quando se trata do outro, do coletivo mais abstrato “a juventude”, como se houvesse uma clara fronteira entre esses universos. Entretanto, tomando como referência o pensamento de Martuccelli (2012), é necessário olhar para os resultados obtidos a partir da ideia de que um mesmo indivíduo experimenta situações plurais as quais pode responder de modo contraditório, como pudemos observar neste item. Os valores dos jovens universitários brasileiros podem ser, ao mesmo tempo, a ética e a honestidade e a competitividade, de acordo com as situações com as quais se deparam. Como o momento de preenchimento do questionário pode significar estar em jogo uma certa imagem do que consideram correto para si mesmos, essas percepções não significam, necessariamente, as condutas praticadas em todos os momentos da vida cotidiana. Como afirma o autor, muitos dos perfis que constituem os indivíduos na América os aproximam do "oportunista vulnerável", ou seja, em situações de instabilidade e inconsistência posicional, as oportunidades são aproveitadas e podem gerar condutas contraditórias e mutantes. (Martuccelli, 2010). De todo modo, esta é uma questão que demanda aprofundamento, pois em várias pesquisas sobre jovens no Brasil, o “outro jovem” sempre é mais vulnerável, mais frágil, faz piores escolhas, do que o indivíduo que está sendo pesquisado. Essas percepções são muito frequentes quando são inquiridos sobre o consumo de drogas lícitas e ilícitas ou sobre práticas que envolvem valores típicos da sociedade de massas como consumo, individualismo, competição ou transgressões.

Para os jovens universitários chineses “liberdade”, “igualdade”, “ética e honestidade” e “justiça” são os valores mais importantes para eles próprios e também para a juventude, com pequenas variações nos percentuais entre eles e o coletivo

Mas, eles têm uma visão que parece opor eles próprios e a juventude: 30% deles “valorizam a família” e eles consideram que 28,1% da juventude “valorizam a competitividade”. A escolha dos principais valores dos jovens chineses revela uma clara aproximação entre eles próprios e a juventude, como se não houvesse grandes diferenças entre o eu (individual) e o outro (coletivo), diferentemente do caso brasileiro.

Mas, resguardadas as diferenças em termos percentuais, é interessante notar que a “competitividade”, nos dois países, é um valor considerado como importante para um pequeno percentual dos jovens (11,7% dos brasileiros e 11,2% dos chineses) e mais valorizada pela juventude (28,1% dos chineses e 62% dos brasileiros). O mesmo fenômeno aparece no caso da valorização da família: os jovens a valorizam mais (46,9% dos brasileiros e 30% dos chineses) do que a juventude (7,4% dos brasileiros e 14,7% dos chineses).

Quando se toma a variável sexo, verificam-se pequenas diferenças quanto aos valores dos jovens, mas não os da juventude. Para mais da metade das mulheres brasileiras, o valor mais importante está associado à família (54%), enquanto que as mulheres chinesas consideram a igualdade (38%) e a liberdade (37%). Por sua vez, os rapazes chineses têm como principal valor a liberdade (42%) e, os brasileiros, ética e honestidade (42%).

## **Considerações finais**



Possivelmente, nessas duas sociedades a produção dos indivíduos se dá a partir de instituições e valores que parecem ser conflitantes, de um lado, a família percorrida pela solidariedade, espaço privado e íntimo, e que ocupa em muitas situações o lugar que poderia ser ocupado pelo Estado através das políticas públicas e, de outro, o mercado, espaço impessoal, cujas regras são marcadas pela competição, pela compra e pela venda.

Entre esses dois polos, é uma família que os jovens se apoiam nos dois países e não sem razão esta instituição aparece com muita importância em situações diversas da pesquisa.

Não obstante as singularidades observadas entre as jovens de cada sociedade e dentre estas as diferenças entre a condição masculina e feminina, observa-se que há, de fato, transversalidades que nos permitem avançar no desenho contemporâneo da condição juvenil, incorporando as desigualdades e diferentes de gênero com um aspecto fundamental.

## **Bibliografia**

Franco, M. C. (2000). Quando nós somos o outro: Questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. *Educação & Sociedade*, XXI, 72, 197-230.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA]. (2012). *Estudo comparado sobre a Juventude Brasileira e Chinesa – Dados preliminares do Brasil – Relatório de pesquisa*. Brasília: IPEA; SBS.

Martuccelli, D. (2012). *Lecciones de sociologia del individuo*. Acesso em 26 de outubro de 2012, de [http://departamento.pucp.edu.pe/ciencias-sociales/files/2012/06/Martuccelli-Lecciones de sociologia del individuo2.pdf](http://departamento.pucp.edu.pe/ciencias-sociales/files/2012/06/Martuccelli-Lecciones%20de%20sociologia%20del%20individuo2.pdf).

Martuccelli, D. (2010). *Existen individuos em elSur?* Santiago: LOM Ediciones.

Pimentel, T. & Silveira, S. A. da (2013). *Cartografia de espaços híbridos: as manifestações de junho de 2013*. Acesso em 14 de julho de 2013, do site da *InterAgentes*: <http://interagentes.net/2013/07/11/cartografia-de-espacos-hibridos-as-manifestacoes-de-junho-de-2013/>.

Nakano, M. & Six, G. (2012). De la mobilité des jeunes dans l'espace habité des métropoles au questionnement du droit au logement (Brésil/France). *Colloque Dialogues Brésil France (2012). Construire la métropole contemporaine*. Acesso em 10 de abril de 2012, de <http://dialogosbrasilfranca.wordpress.com/resumosresumes/>.

Sposito, M. P. (coord.). (2002). *Juventude e escolarização (1980/1998)*, Série Estado do conhecimento, número 7, Brasília, MEC/INEP, Comped.

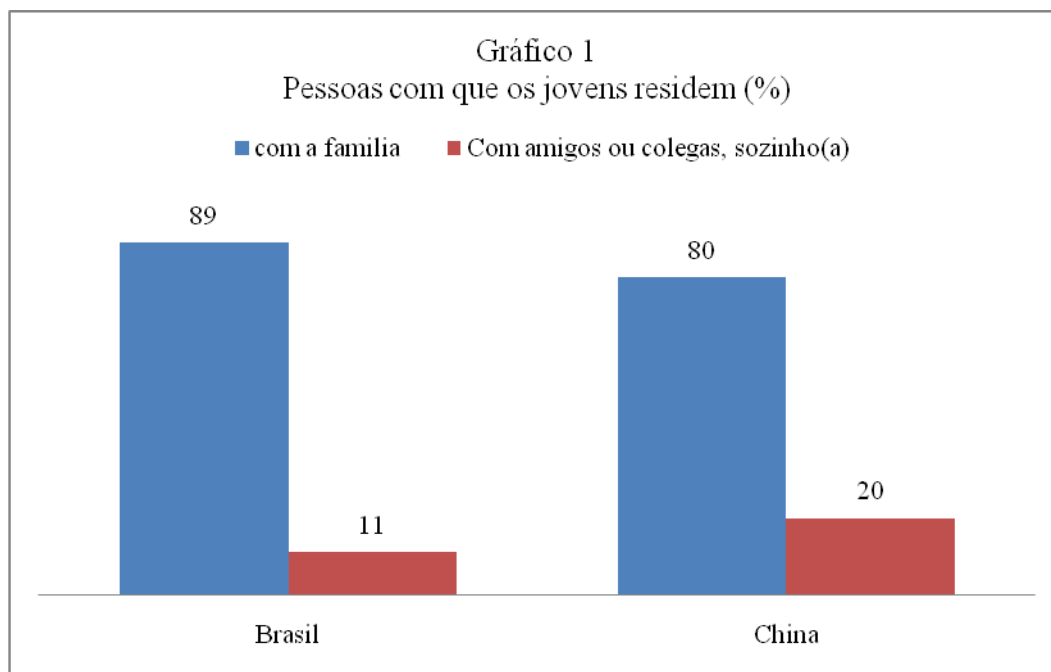
Sposito, M.P. (coord.). (2009). *O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)* (1ª.Ed.) Belo Horizonte: Argumentum.

Sposito, M. P. (2011). Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In Paixão, L. & Zago, N. (orgs). *Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira*. (2ª. Ed.). Rio de Janeiro: Vozes, 19-43.

Van de Velde, C. (2007). La dépendance familiale des jeunes adultes en France. Traitement politique et enjeux normatifs. In Paugam, S. (direction). *Repenser la solidarité*. L'apport des sciences sociales. Paris: PUF, 315-333.

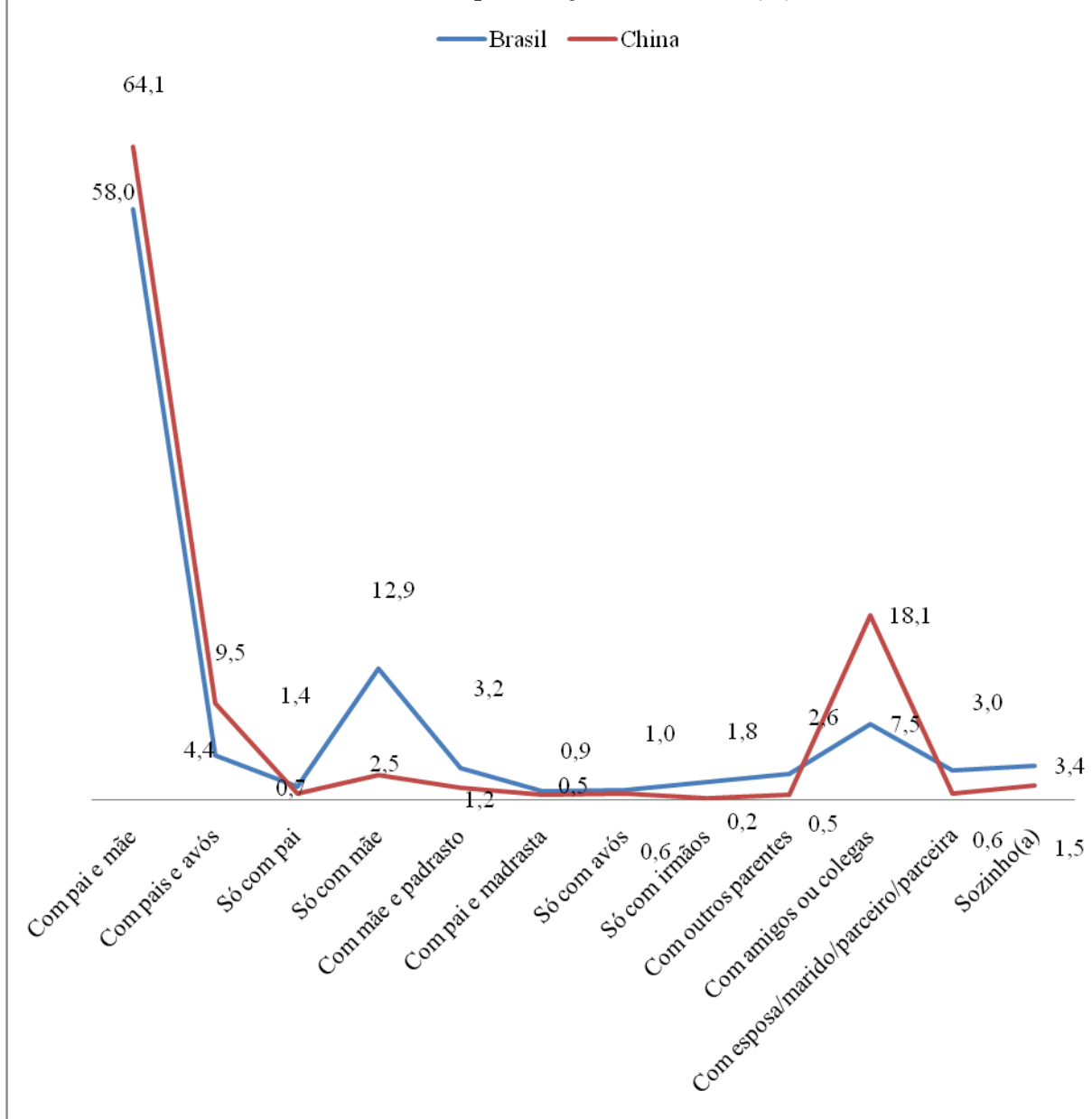
## ANEXO

### GRÁFICOS



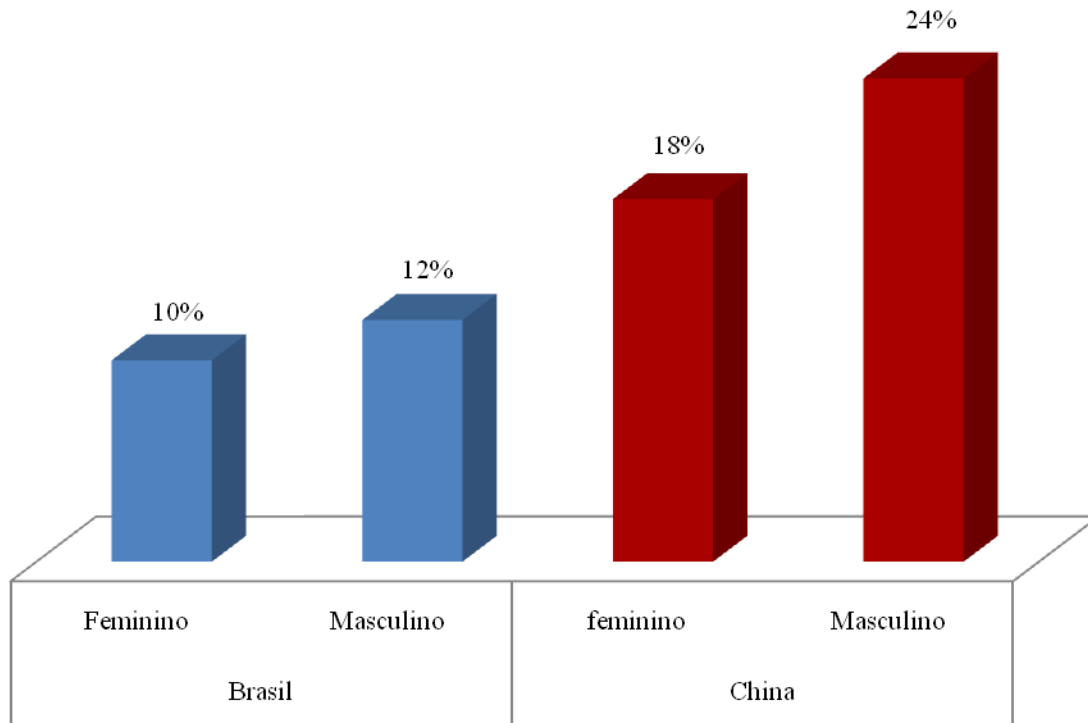
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 2  
Pessoas com quem os jovens residem (%)



Fonte: IPEA/SBS/ CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

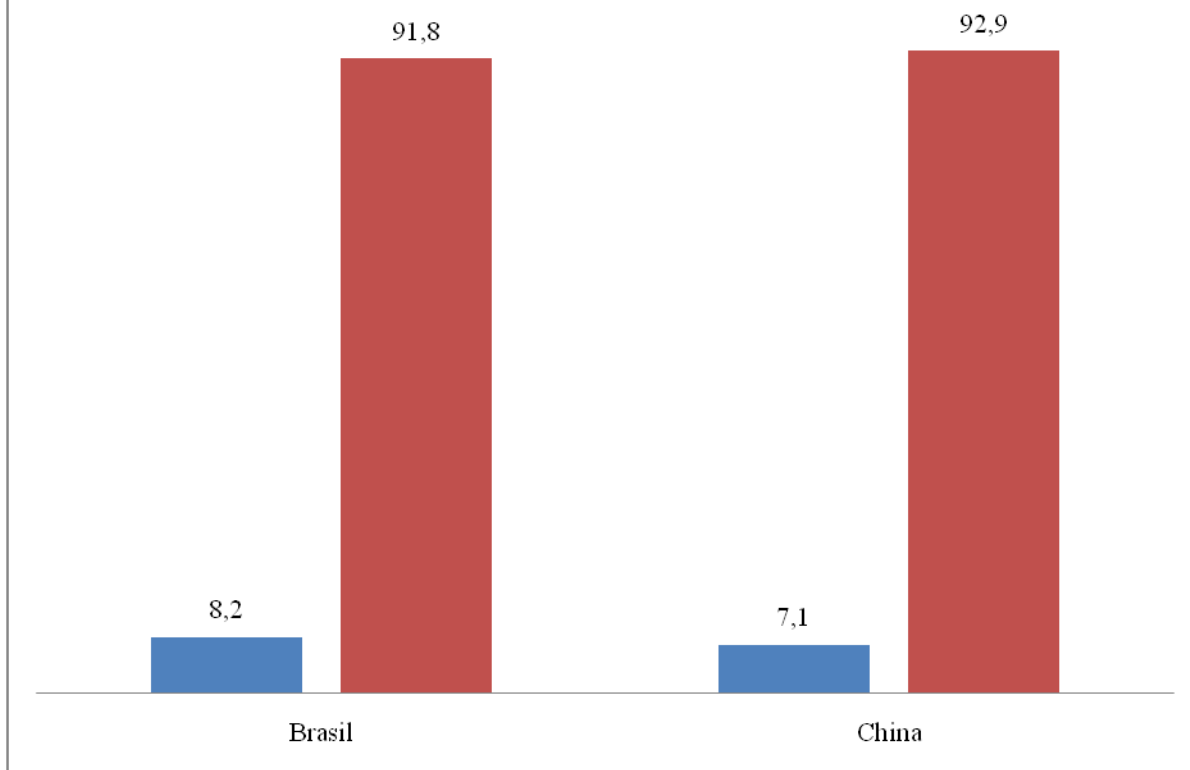
Gráfico 3  
Estudantes que moram sozinhos(as)/com amigos(as) ou colegas, por sexo (%)



Fonte: IPEA/SBS/ CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 4  
Já participou de algum programa de intercâmbio/mobilidade de  
estudantes? (%)

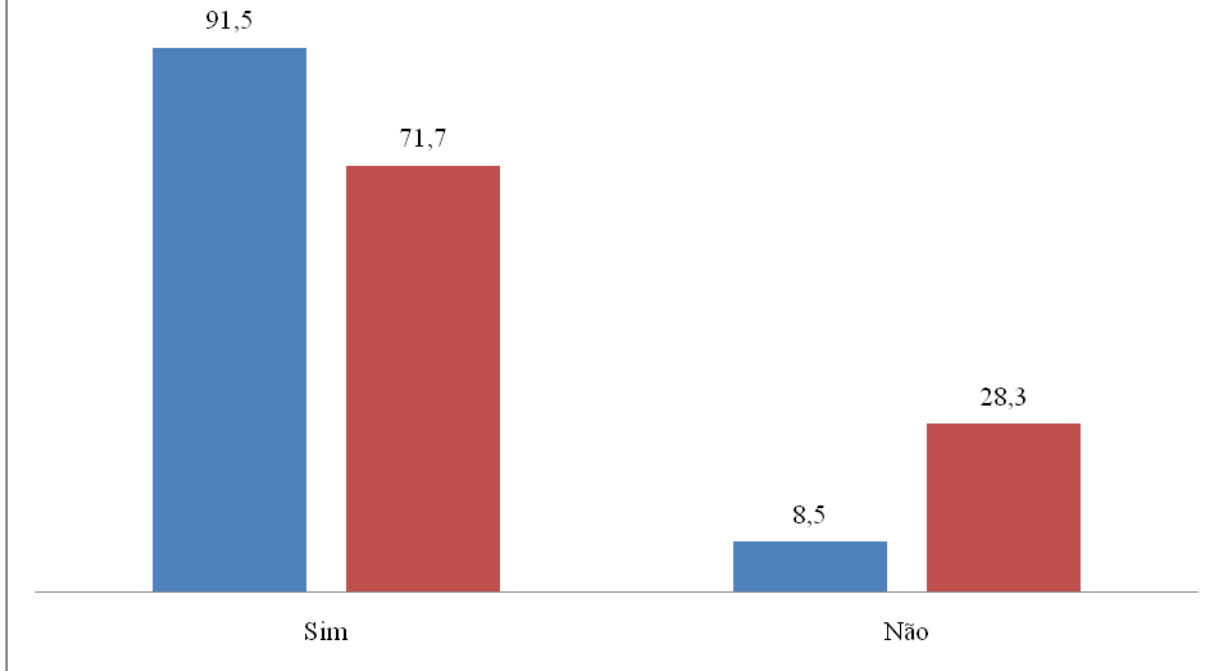
■ Sim ■ Não



Fonte: IPEA/SBS/ CYCRC/CYCRA

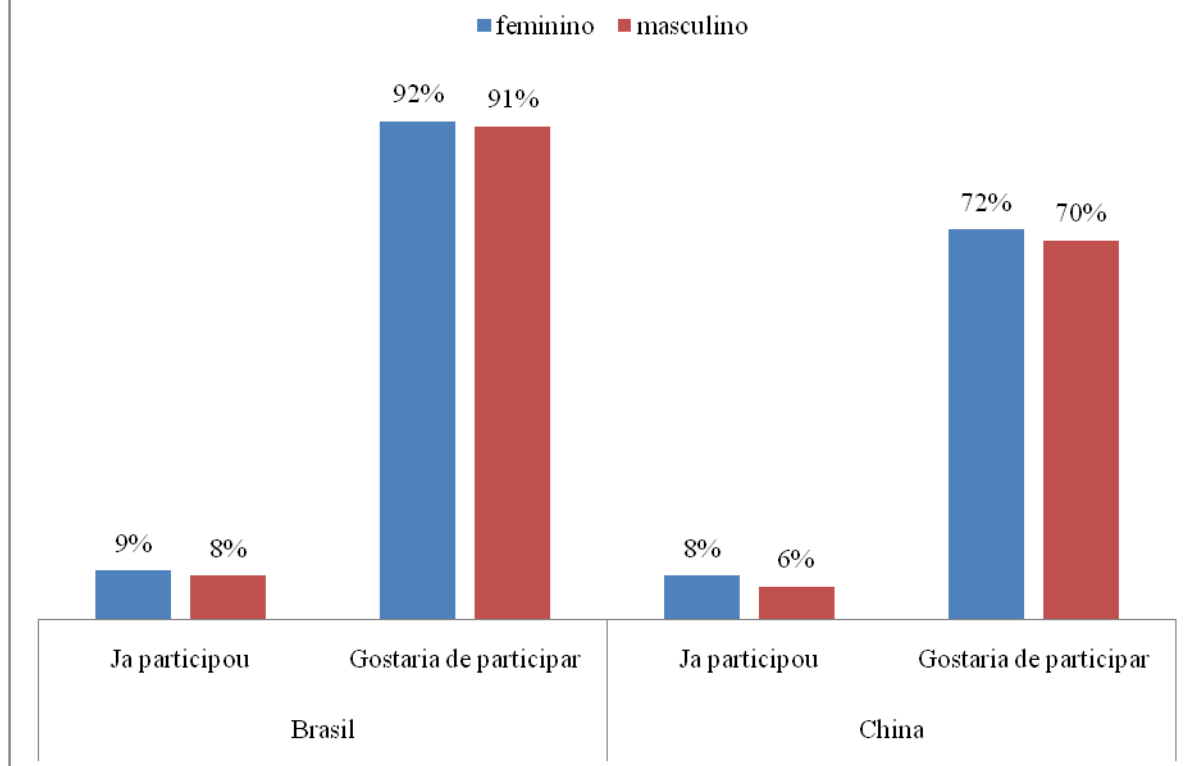
Gráfico 5  
Gostaria de estudar no exterior?

■ Brasil ■ China

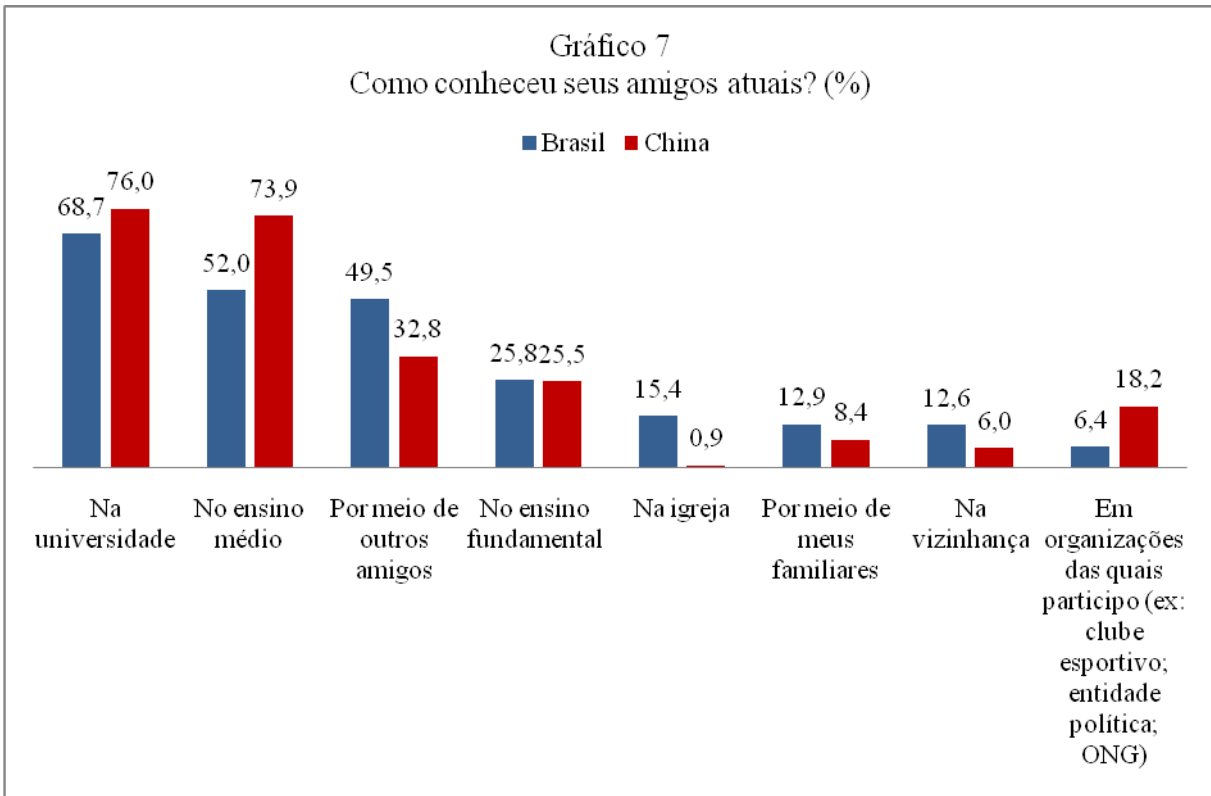


Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA

Gráfico 6  
Participação em programas de intercâmbio/mobilidade de estudantes, por  
sexo (%)



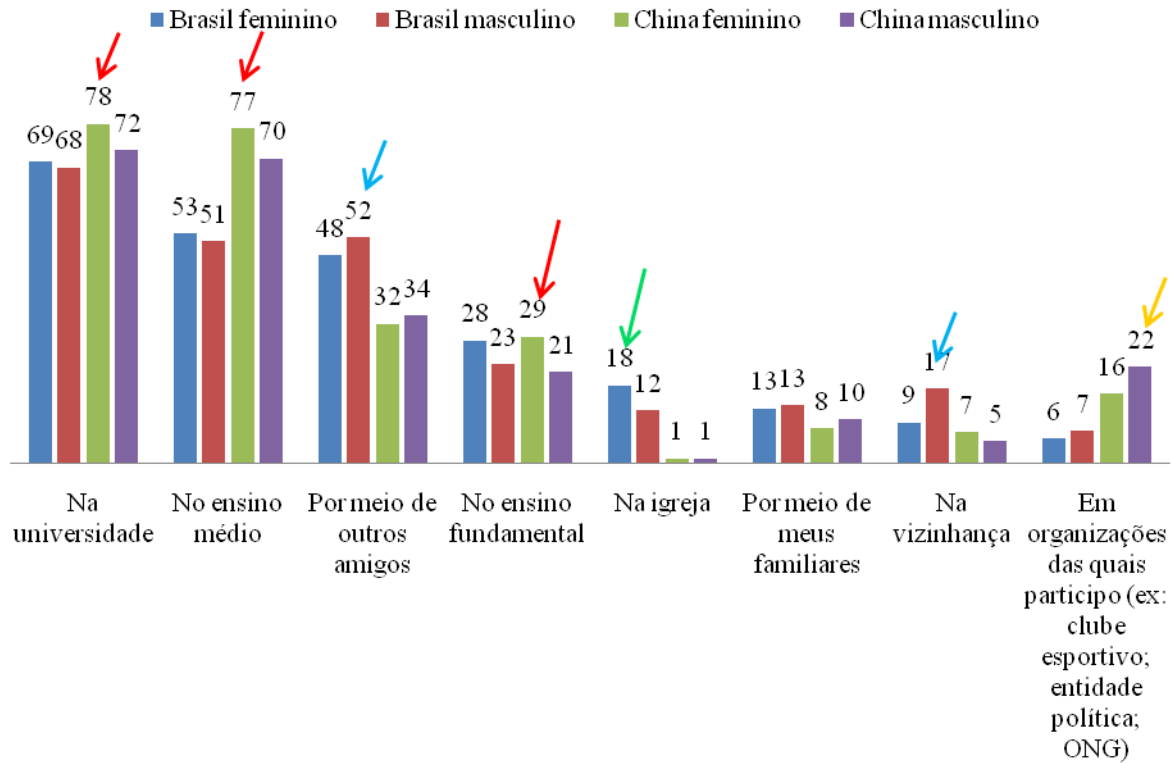
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

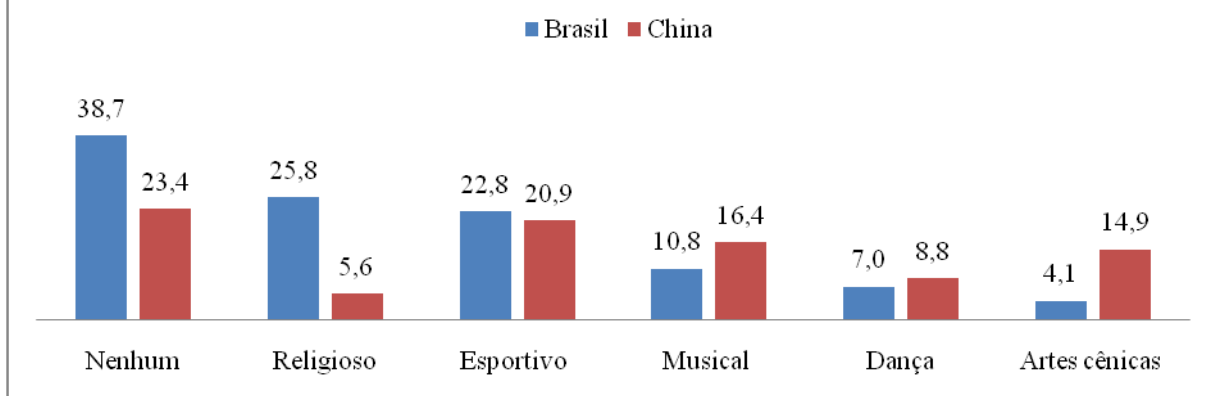


Gráfico 8  
 Como conheceu seus amigos atuais, por sexo? (%)



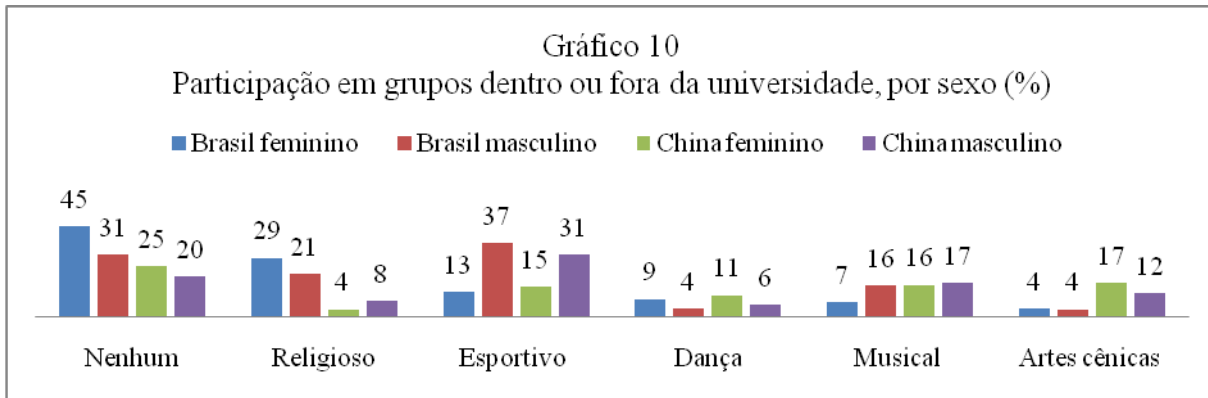
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
 Elaboração das autoras

Gráfico 9  
Participação em grupos dentro ou fora da universidade (%)

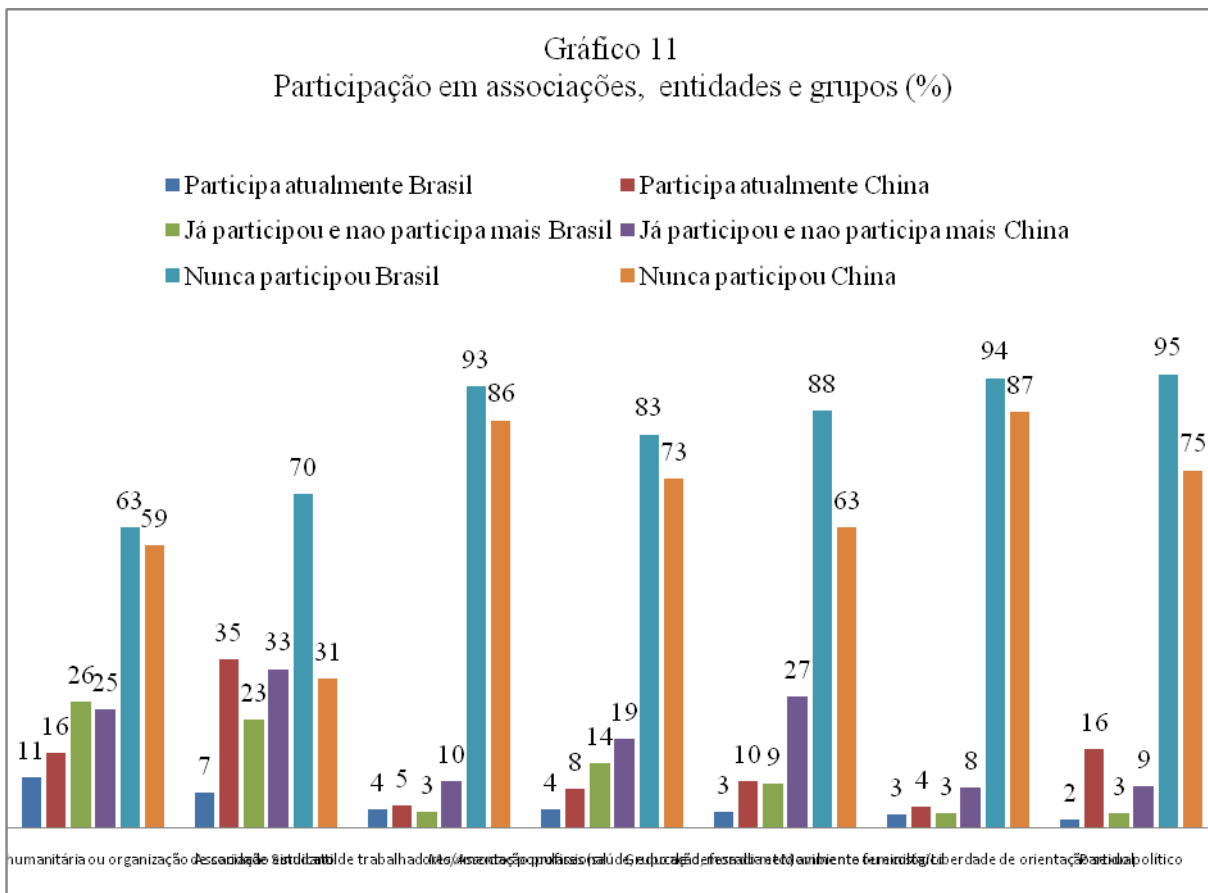


Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA

Elaboração das autoras

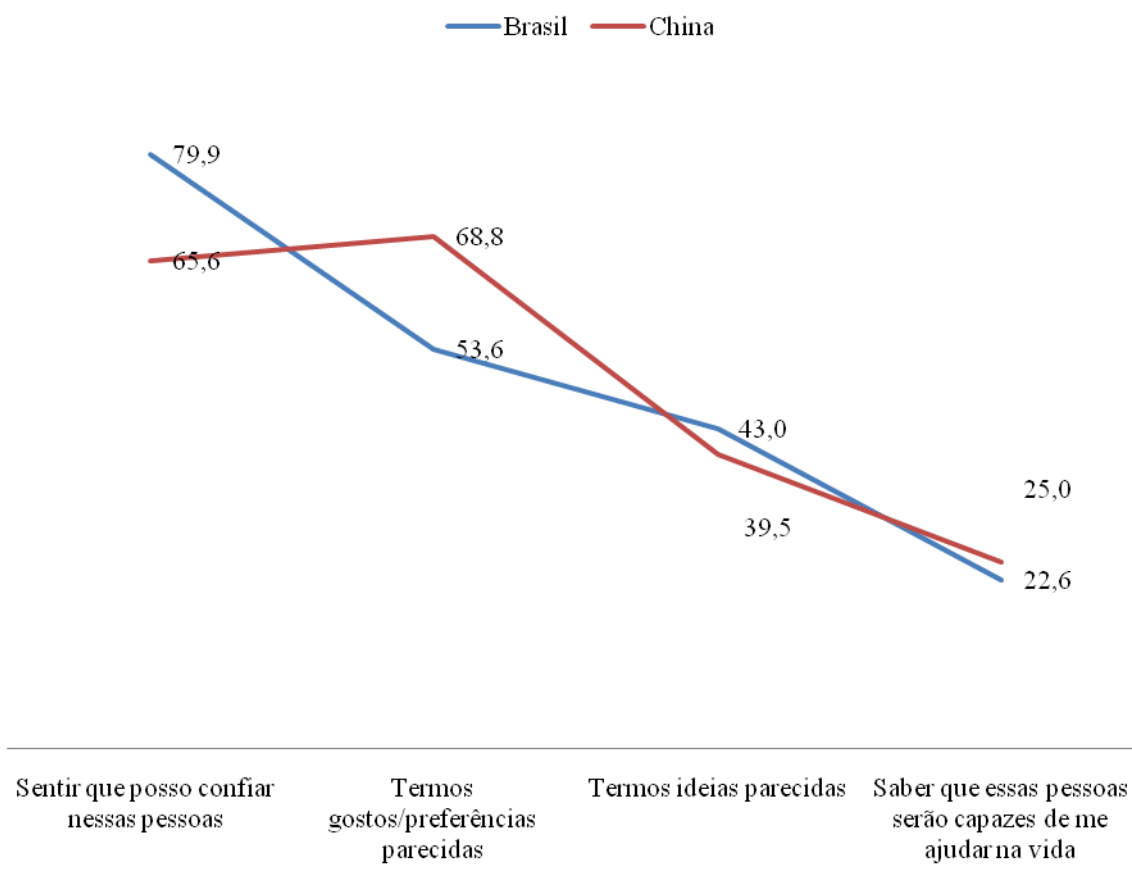


Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras



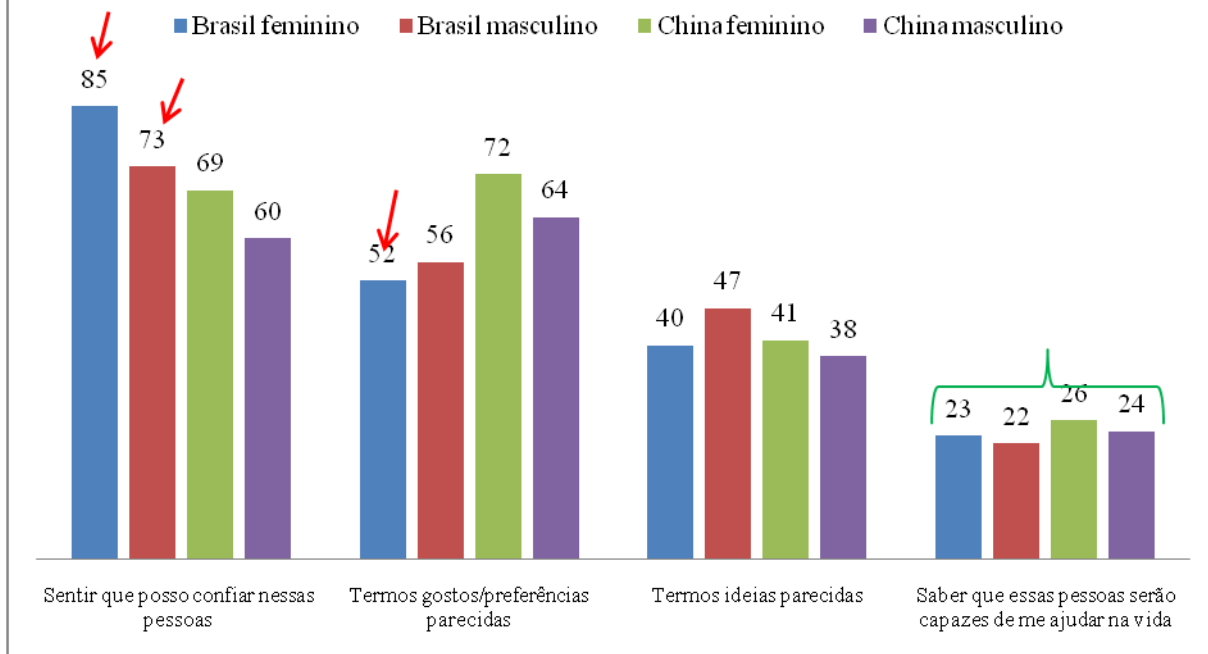
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 12  
Aspectos mais importantes na escolha dos amigos



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 13  
Critérios de escolha de amigos, por sexo (%)

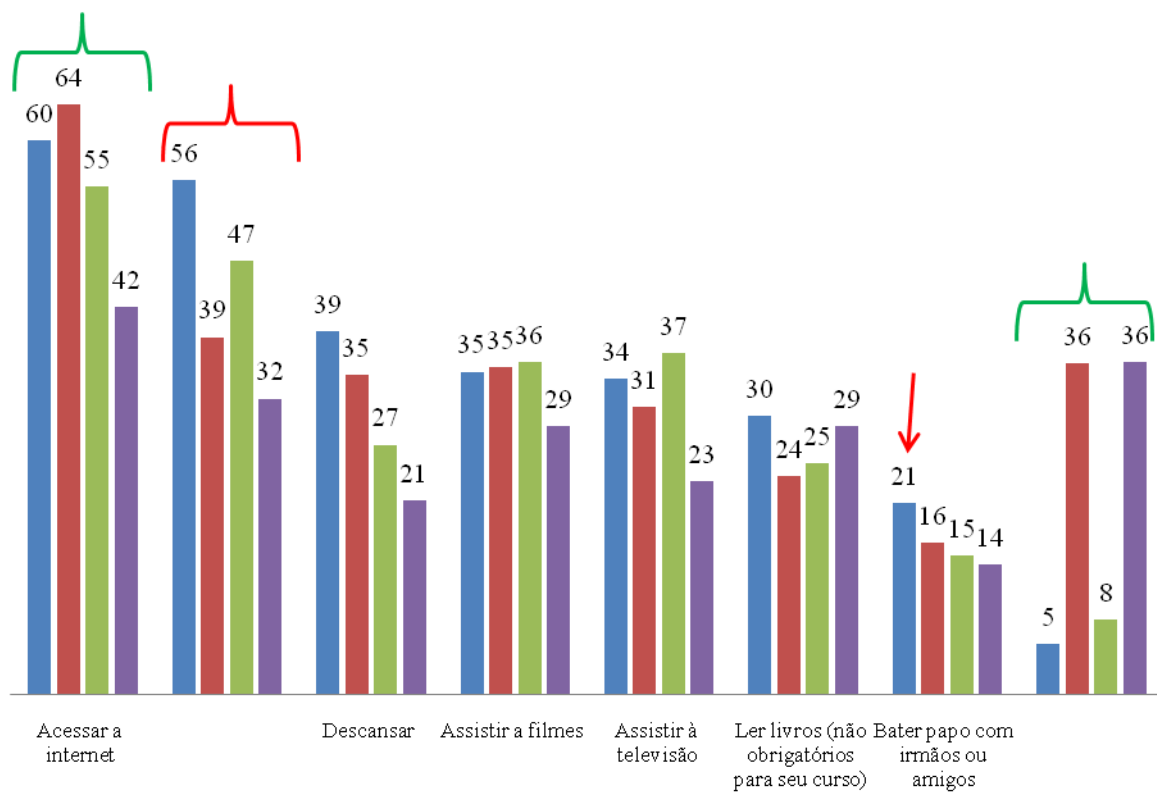


Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA

Elaboração das autoras

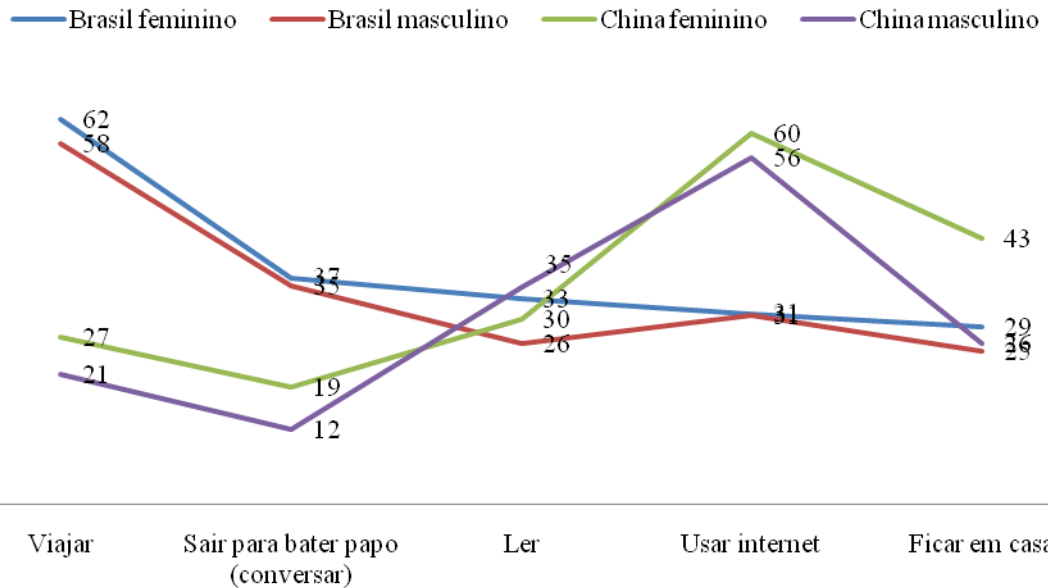
Gráfico 14  
Atividades nas horas livres, por sexo (%)

■ Brasil Feminino ■ Brasil masculino ■ China Feminino ■ China masculino



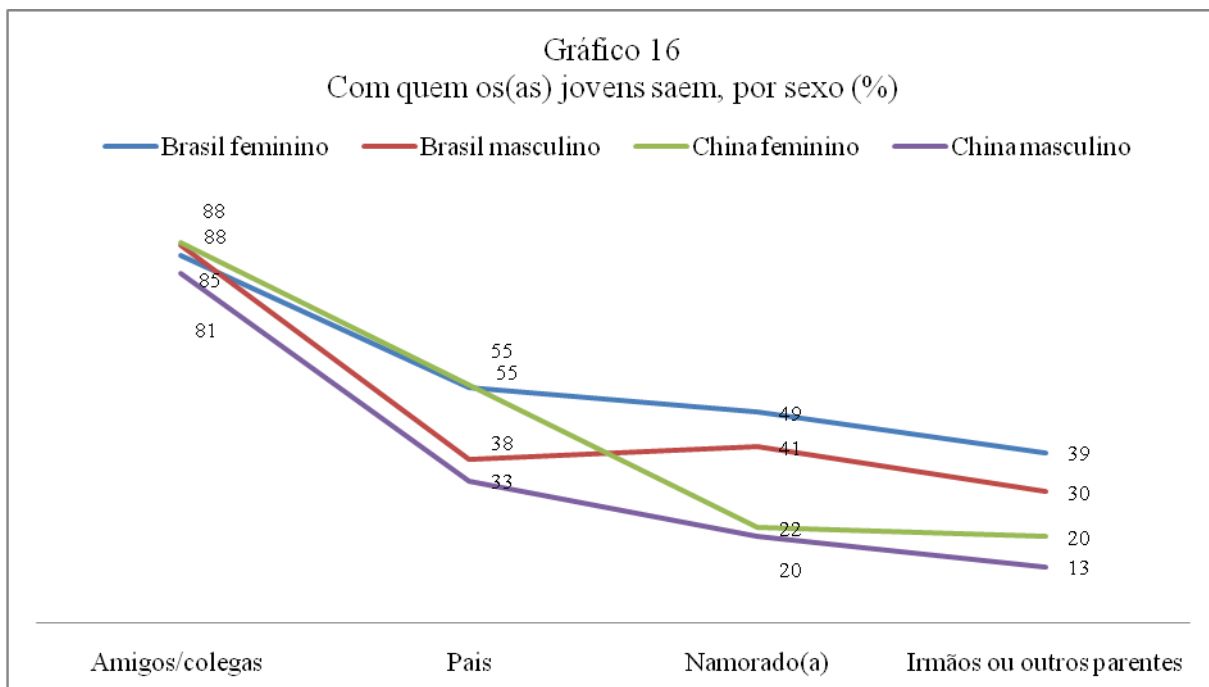
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 15  
 Atividades nos finais de semana ou férias, por sexo (%)



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
 Elaboração das autoras

Gráfico 16  
Com quem os(as) jovens saem, por sexo (%)

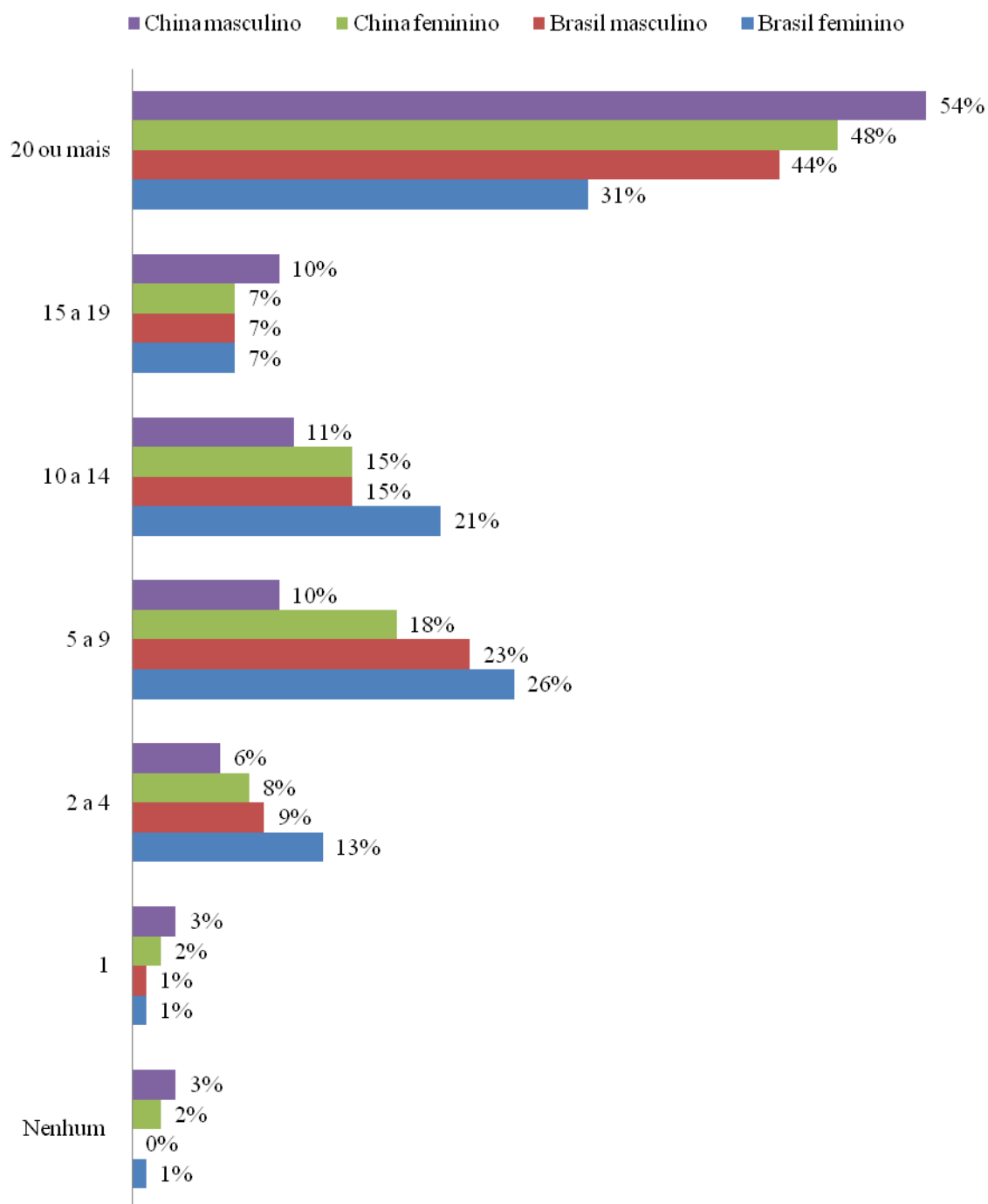


Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA

Elaboração das autoras

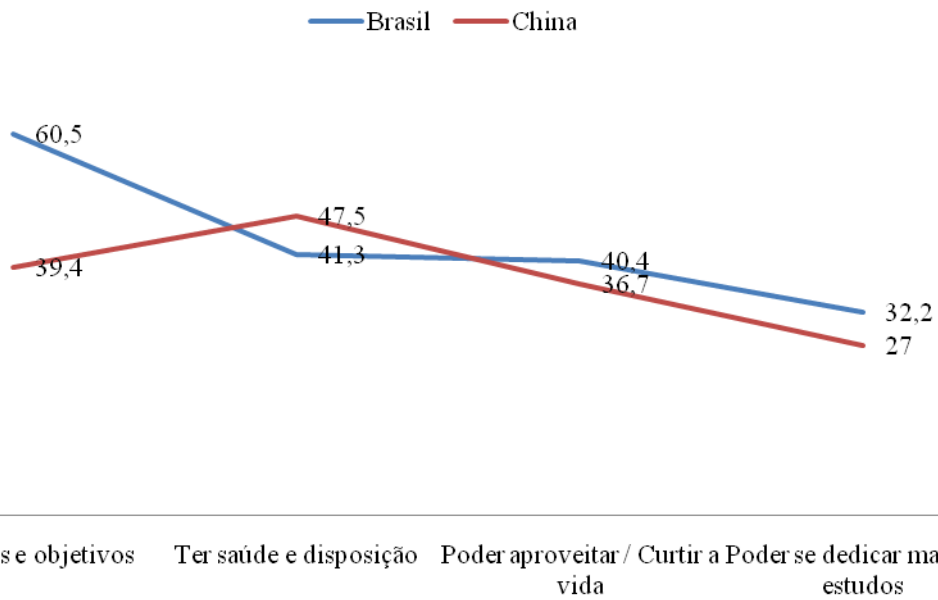


Gráfico 17  
Quantidade de amigos, por sexo (%)



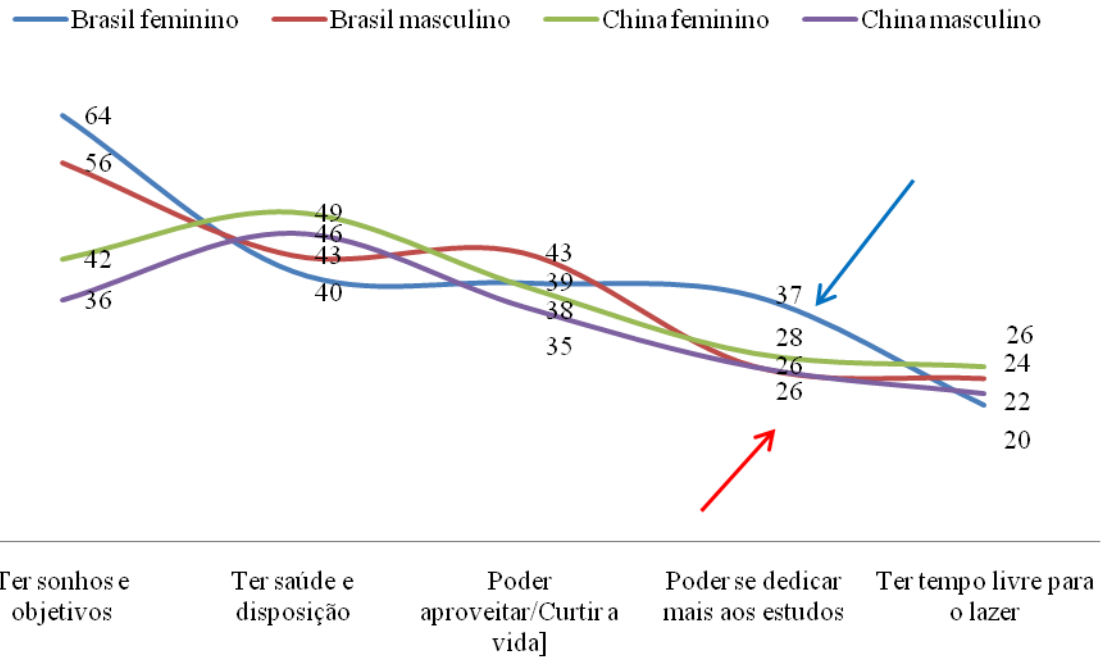
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 18  
A melhor coisa em ser jovem (%)



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

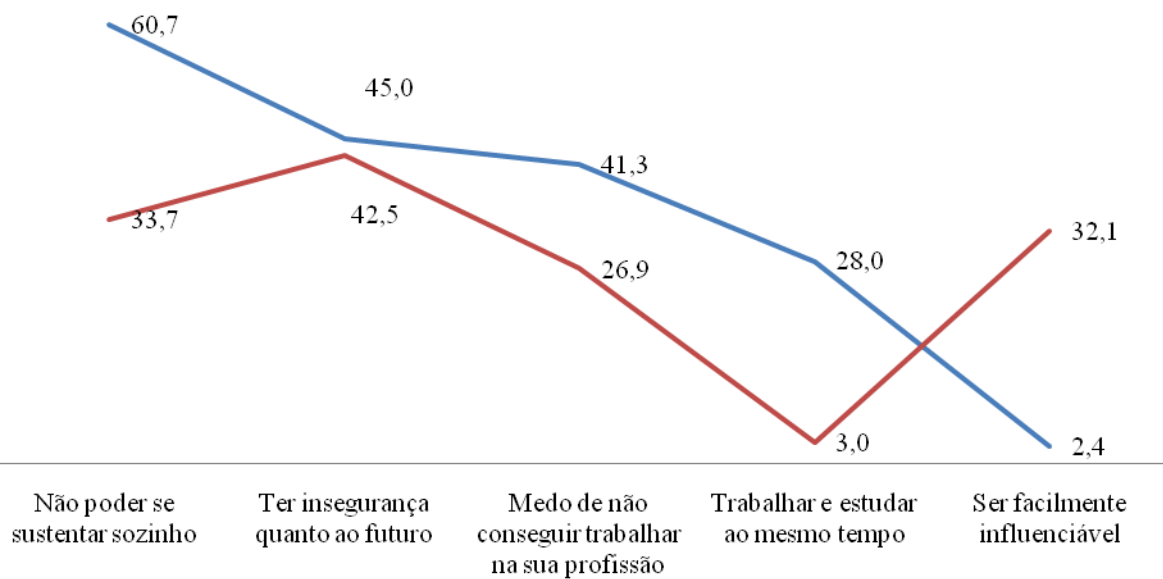
Gráfico 19  
A melhor coisa em ser jovem, por sexo (%)



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 20  
A pior coisa em ser jovem

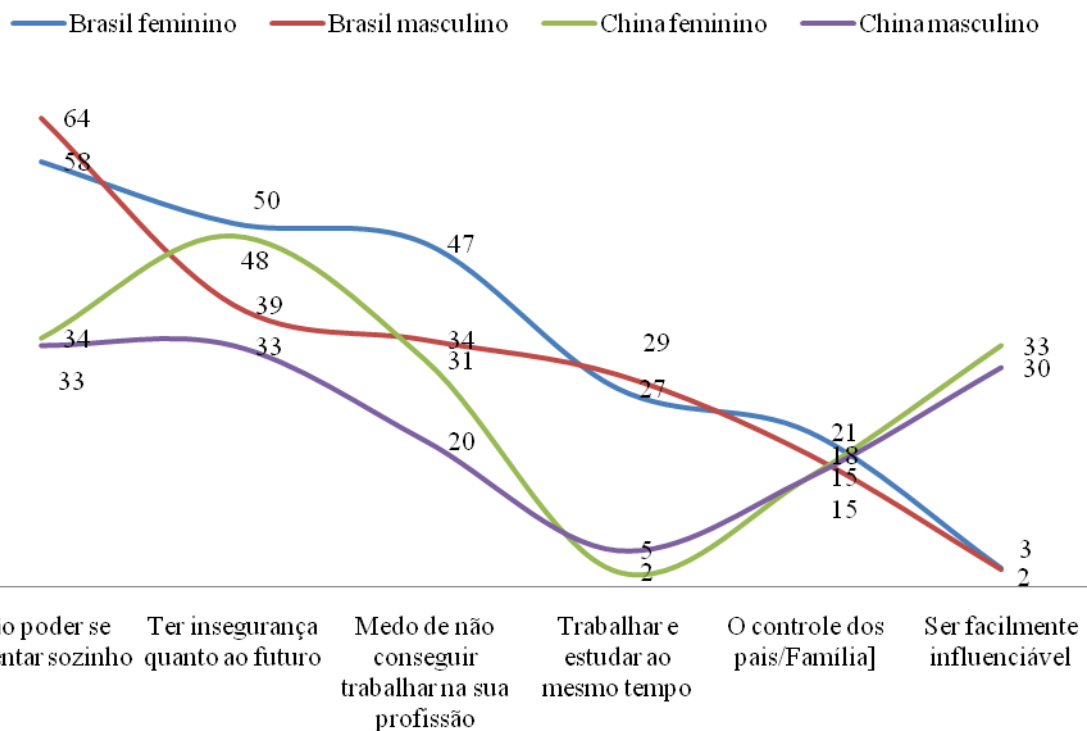
— Brasil — China



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA

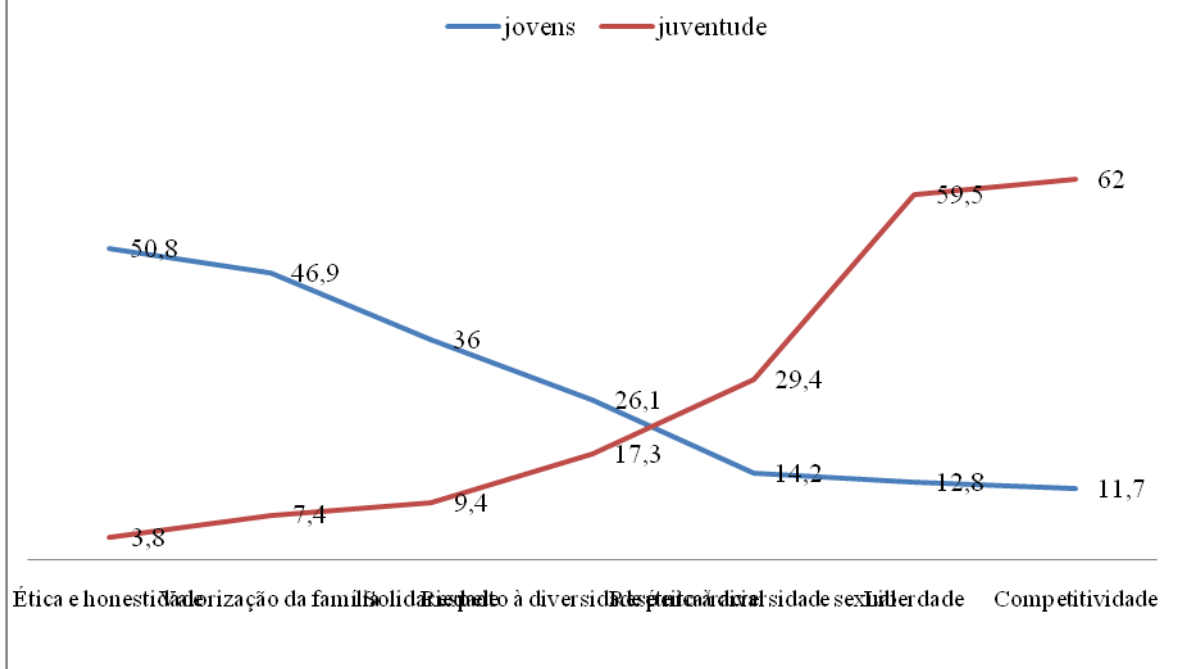
Elaboração das autoras

Gráfico 21  
Pior coisa em ser jovem, por sexo (%)



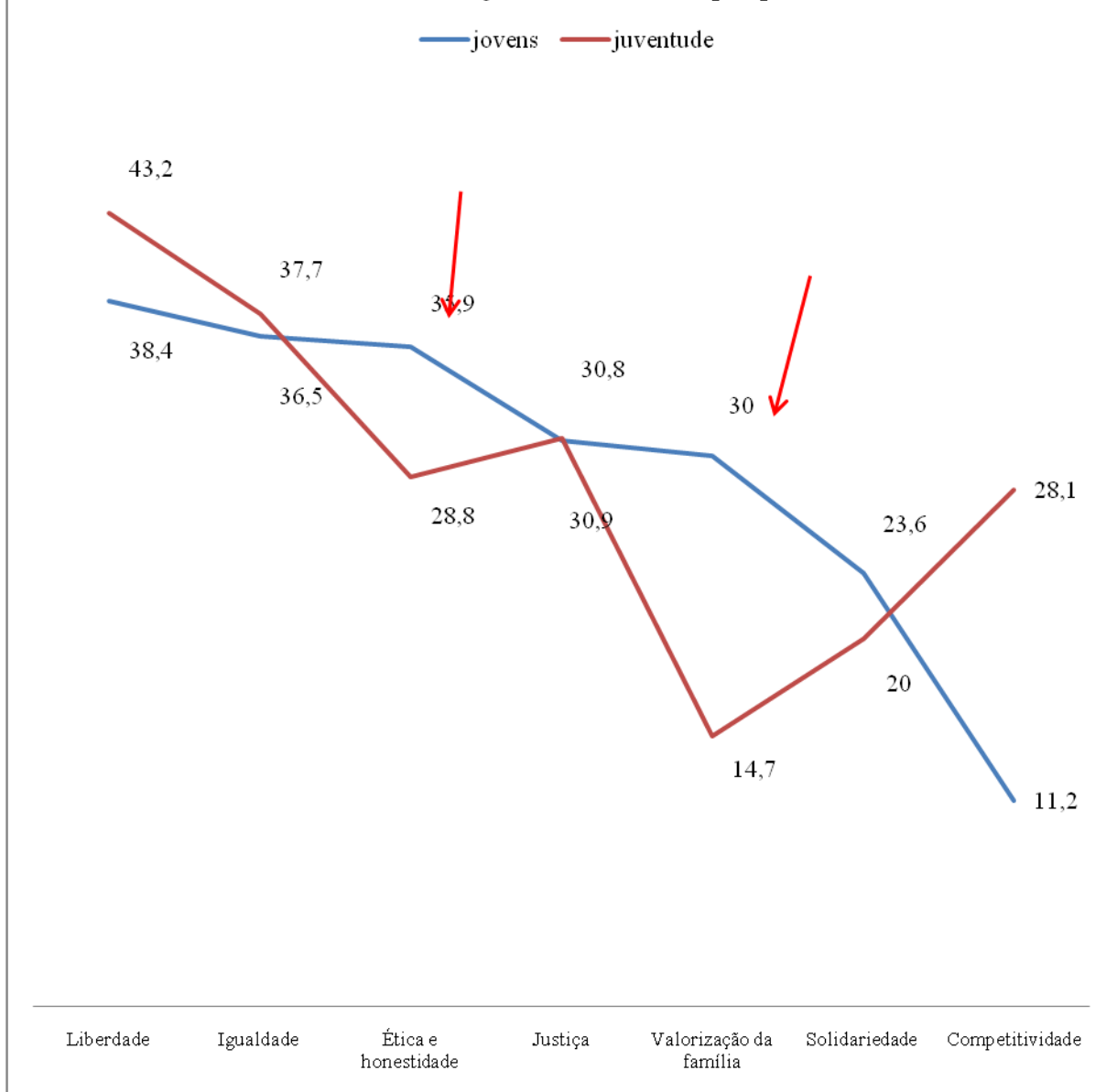
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 22  
Os valores dos jovens brasileiros da pesquisa



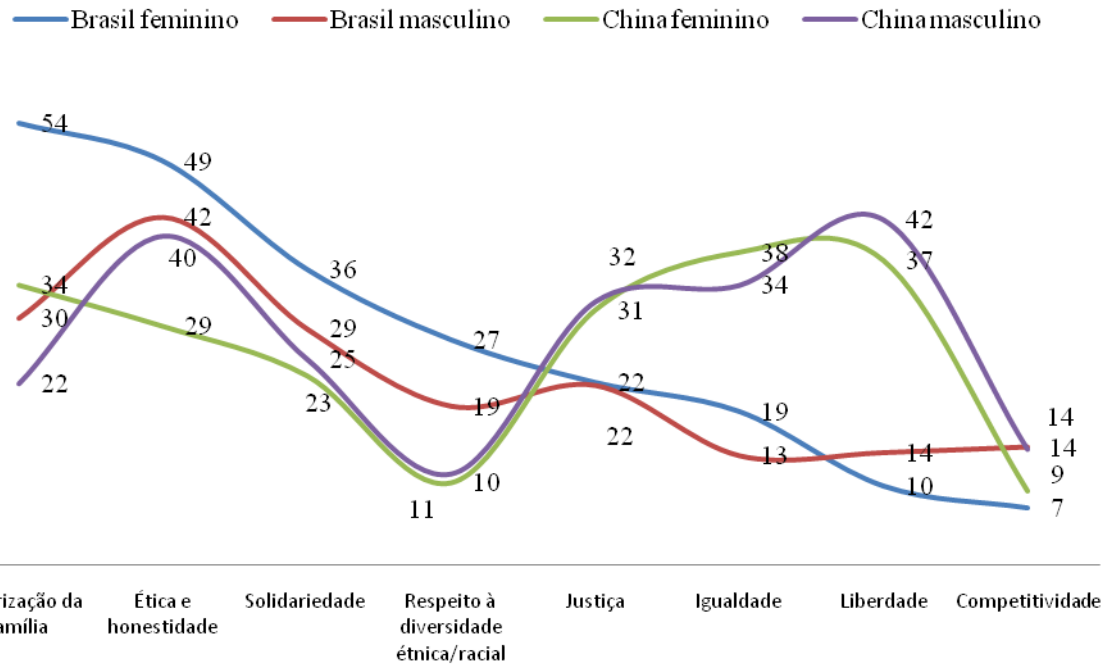
Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

Gráfico 23  
Os valores dos jovens chineses da pesquisa



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras

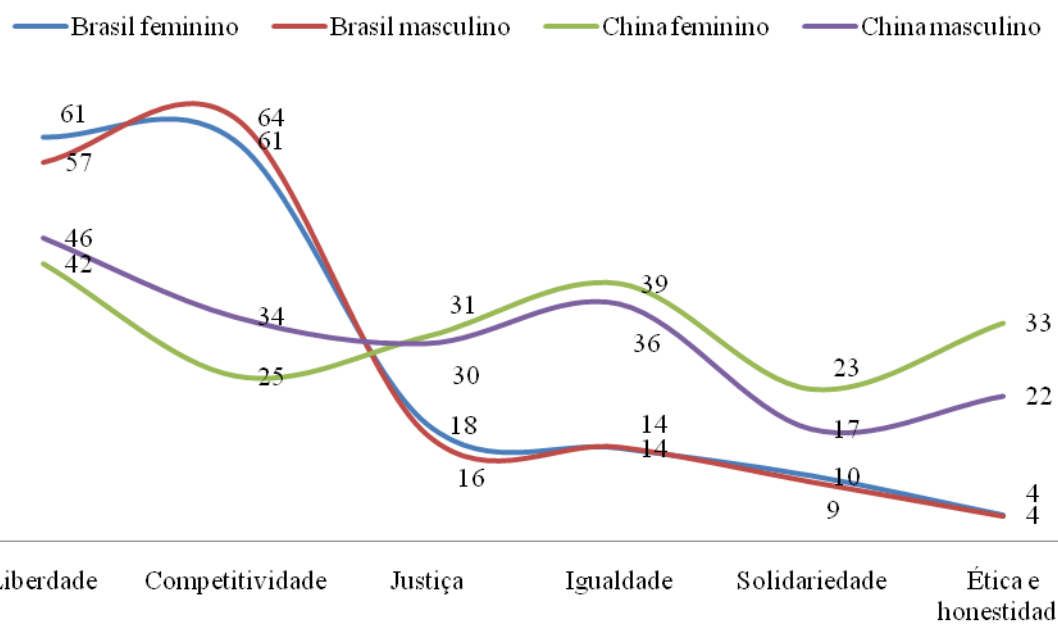
Gráfico 24  
Valores dos jovens da pesquisa, por sexo (%)



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA  
Elaboração das autoras



Gráfico 25  
Valores da juventude por sexo (%)



Fonte: IPEA/SBS/CYCRC/CYCRA

Elaboração das autoras